

Brasil 8 JAN 1990

# Uma vitória de Maílson e uma lição para Collor

**JORNAL DA TARDE**

Acostumados, há anos, a ver os índices de inflação subirem mês após mês, a ponto de suporem ser esta uma tendência irreversível pelo menos até a posse do futuro presidente da República, os brasileiros foram agradavelmente surpreendidos com a possibilidade de o índice de janeiro ser inferior ao de dezembro.

A queda, se confirmada, será pequena, quase imperceptível para uma inflação que já superou os 50% ao mês. Os técnicos do IBGE concluíram, na semana passada, a primeira apuração de dados relativos ao Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC) de dezembro e verificaram que, nas três principais capitais pesquisadas (São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte), a alta média dos preços foi de 51,2%, abaixo dos 53,55% registrados pela inflação oficial, que é expressa pelo Índice de Preços ao Consumidor (IPC). Este último índice mede a variação dos preços entre o dia 15 de um mês e o dia 15 do mês seguinte; já o INPC apura a variação entre o primeiro e o último dia de cada mês. Por isso, da comparação entre o IPC e o INPC de dezembro pode-se concluir que diminuiu o ritmo de aumento dos preços nas duas últimas semanas do mês passado, tendência que, se mantida nas duas primeiras semanas de janeiro, levará à queda do IPC, fato que só ocorreu até agora como resultado dos choques heterodoxos.

No mês passado, a inflação deu um salto de 12 pontos percentuais em relação ao índice de novembro (que ficou em 41,42%), fazendo crescer o temor de que a situação se tornasse incontrolável antes da posse de Fernando Collor de Mello na Presidência da República, no dia 15 de março. A possibilidade de reversão da tendência de alta quebrou as expectativas mais pessimistas.

A reação do mercado financeiro foi imediata. Na quinta-feira, as primeiras operações de financiamento das Letras Financeiras do Tesouro por dia (overnight) eram feitas a taxas inferiores às praticadas na véspera (em torno de 75%, contra 80% na quarta-feira); as taxas continuaram a cair, até 68,19%, sem reflexos mais sérios nos mercados de risco, como ouro e dólar. Para o ministro da Fazenda, Maílson da Nóbrega, essa reação foi uma demonstração da mudança do clima de pessimismo. A manutenção das taxas do "overnight" no patamar de 68% na sexta-feira parece dar razão ao ministro.

De uma série de reuniões com cerca de cem empresários em São Paulo, o ministro da Fazenda saiu com a convicção de que "a economia pode ser conduzida sem choques ou pacotes até o dia 15 de março". Os empresários, de sua parte, admitem que o ministro conseguiu conter o temor que se generalizava e não acham impossível manter a inflação no patamar atual até a posse do novo governo.

O secretário-geral do Ministério da Fazenda, Paulo César Ximenes, acredita que a desaceleração da inflação tornará mais fáceis as negociações do ministro Maílson da Nóbrega com o empresariado, particularmente no que se refere aos juros de 60% ao mês nas vendas a prazo entre a indústria e o comércio. Otimista, Ximenes acredita que a tendência apontada pelo INPC de dezembro será mantida em janeiro e fevereiro pelo fato de que, nesses dois meses, tradicionalmente, o comércio realiza liquidação de seus estoques de fim de ano e não há mais a pressão de consumo estimulada pelo 13º salário. Se não houver nada de extraordinário, o presidente José Sarney poderá encerrar seu mandato com uma inflação mensal da ordem de 60%, supõe o secretário-geral do Ministério da Fazenda.

Diante do rápido agravamento da crise econômica, que colocou o país no limite da hiperinflação — em alguns aspectos, como a disparidade dos preços, esse limite parece ter sido transposto —, uma inflação de 60% até pode ser considerada uma vitória para a equipe econômica chefiada pelo ministro Maílson da Nóbrega. Integrante de um governo cujo presidente há tempos abandonou a tarefa de governar, essa equipe vem lutando heroicamente com as políticas armas de que dispõe — entre elas a política monetária baseada em juros reais elevados e, como costuma dizer o ministro, "muita saliva" para convencer os agentes econômicos de que a guerra não está perdida — para evitar a completa desorganização da economia e preservar, para o futuro presidente, condições mínimas de governabilidade.

Falar em vitória ante a perspectiva de uma inflação de 60% ao mês — 28.000% ao ano — pode parecer uma piada de humor negro.

Mas não há dúvida de que se trata de uma vitória pessoal de Maílson da Nóbrega, um ministro sem presidente que contou apenas, em toda sua gestão, com sua competência profissional, sua coragem e suas qualidades de estadista.

Se tivesse atrás de si um presidente com qualidades semelhantes às suas próprias, certamente teria vencido realmente a batalha contra a inflação.

Essa a lição que o presidente Collor de Mello precisa aprender.

Durante esta semana os jornais estiveram cheios de notícias sobre o Fórum Nacional realizado no Rio de Janeiro onde economistas de todas as escolas, empresários e políticos de todas as tendências expuseram suas idéias sobre a maneira de se vencer a crise.

Também ficamos conhecendo em seus pormenores as idéias dos economistas que elaboraram os planos do futuro governo.

E o que se constata é que não há praticamente nada de novo em tudo o que se sugeriu. Com diferenças de nuances, tanto os assessores de Collor de Mello quanto as dezenas de participantes do Fórum Nacional preconizam exatamente aquilo que Maílson da Nóbrega tentou fazer desde o primeiro dia de sua gestão e não conseguiu porque não teve atrás de si um presidente à altura de sua missão. Mesmo porque não há caminhos alternativos para se sair da crise.

Seja quem for o próximo ministro da Fazenda, tudo vai depender da coragem e da capacidade de liderança do presidente Collor de Mello.